

# ESTÁGIO DE MONITORIA: AS PRÁTICAS DO ENSINO DE LITERATURA EM SALA DE AULA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO BÁSICO

Isis de Fátima Henrique Pontes Tavares<sup>1</sup>

Matheus Venício de Melo Silva Pereira<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de apresentar a didática utilizada nas aulas de Literatura observadas no estágio supervisionado I, em uma escola Estadual da rede pública de Ensino, em turmas de 8º e 9º anos do Ensino fundamental, e 1º e 3º anos do Ensino médio. Nosso trabalho apresenta como base teórica, para fins de críticas e reflexões, os escritos de Rildo Cosson (2016) e Tzvetan Todorov (2012), com algumas diretrizes governamentais como textos auxiliares. O estágio foi realizado com o intuito de analisar as práticas utilizadas em sala de aula no ensino de Literatura, sobretudo, rever tais métodos com a finalidade de observar e repensar sobre quais são os problemas que podem impedir o desenvolvimento do letramento literário nos alunos dessa escola especificamente, e acima de tudo, refletir sobre o ensino de Literatura no Ensino Básico. Iremos expor, igualmente, a experiência de monitoria no estágio, as observações feitas ao presenciar as aulas de um profissional da educação em seu ambiente de trabalho, a sala de aula. Serão apresentados alguns dos vários percalços enfrentados tanto por alunos, quanto pelo professor de língua, no processo de ensino / aprendizagem, como o constante apego às práticas tradicionais e o trabalho inadequado com os gêneros textuais, que acabam causando problemas no aprendizado do aluno. Visto a importância da disciplina de língua portuguesa, a responsabilidade desse professor adquire grande peso, pois é necessário que ele planeje e adapte a sua aula de acordo com a necessidade dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Didática; Estágio supervisionado I; Letramento literário.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela UEPB. (isistavarespb@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela UEPB. (matheusvenicio@gmail.com)



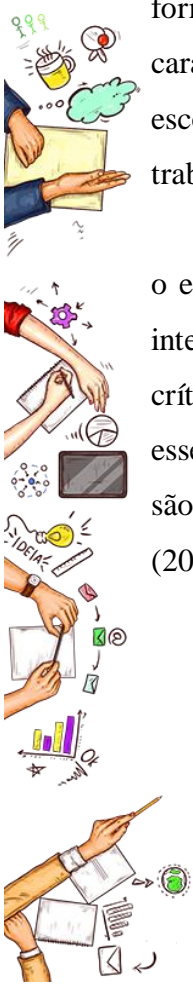
## INTRODUÇÃO

A presença da literatura na escola é marcada pela discussão entre a formação do aluno leitor e o papel que o professor de Literatura exerce nessa difícil tarefa. “[...] quer no sentido estrito de favorecer o trato com a escrita, quer no mais amplo de educar os sentimentos e favorecer o entendimento das relações sociais [...]” (COSSON; PAULINO 2009, p. 63). Pois, como se sabe, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) indicam que o aluno deve estabelecer vínculos de um texto com outros textos e cabe ao professor fazer essa mediação. Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito. (OCEM ,2006, p. 58.)

No entanto, podemos constatar que a Literatura, de fato, ainda está sendo apresentada de forma precária aos alunos. A prática da leitura ainda é voltada para o estudo da estrutura, estilo e características da época, ou seja, uma metaleitura que segundo a OCEM (2006), é necessária na escola, mas deve ser vista com muito cuidado, ou melhor, deve responder aos objetivos previstos no trabalho escolar.

Refletindo sobre o papel do professor de Literatura é perceptível a necessidade de transformar o ensino tradicional pelo sociointeracionista, aumentando a possibilidade de despertar no aluno o interesse pelo novo e ampliar a visão de mundo proporcionando, dessa forma, crescimento e senso crítico. O texto literário não é, portanto, uma leitura a ser feita apenas por obrigação, no entanto, esse ainda é um grande desafio para o educador, pois a realidade que ainda se apresenta na escola são alunos que encaram a Literatura como um componente sem serventia, de acordo com Todorov (2012, p. 10):

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser



então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2012, p. 10)

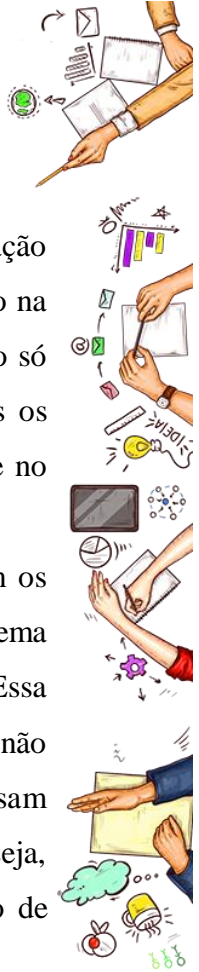
O nosso artigo vem como um texto de reflexão sobre as práticas que encontramos nas turmas supervisionadas em uma escola estadual da rede pública de Campina Grande, Paraíba, dos dias 07 a 14 de abril, com o objetivo de relatar a vivência que tivemos durante o período de estágio, e quais foram as dificuldades que presenciamos no ensino de literatura, tanto por parte da docente, de ministrá-lo, quanto por parte dos alunos, de se interessarem para se apropriarem dele.

## AS PRÁTICAS DO ENSINO DE LITERATURA

Não é novidade alguma o quão difícil é o trabalho de um professor na sala de aula. São muitos os empecilhos, desde o tempo curto da aula, até os alunos que não chegam na hora certa, e, é claro, muitas vezes, a falta de compromisso de uma parte deles. É válido questionar de que maneira isso pode afetar o trabalho docente. Uma forma disso acontecer é fazer o trabalho da forma mais fácil possível, que cumpra com a agenda, que não o atrapalhe, e que crie uma situação comum em várias instituições de ensino, a do "eu finjo que dou aula, e os meus alunos fingem que aprendem". Essa foi a triste impressão que a experiência de monitoria nas turmas observadas deixou, principalmente, no que diz respeito ao ensino de literatura.

Ao entrar numa sala de 1º ano do ensino médio foi possível concluir isso. A aula (assim como em todas as outras turmas) foi conduzida na perspectiva tradicional, em que o aluno é passivo, não participa da aula e apenas o professor se posiciona a respeito do conteúdo, sem dar reforço ou incentivar a participação de seus estudantes.

Isso é extremamente prejudicial ao processo de aprendizagem, ainda mais se tratando da disciplina de literatura, pois ao vetar a participação do aluno (mesmo não sendo esse ato proposital) o professor de literatura não cumpre com sua obrigação de suscitar o debate acerca do texto literário, que, segundo Cosson (2016, p.29) é essencial: "Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que estão inseridos".



Tais condições não podem ser criadas apenas por meio de atividades escritas, a comunicação entre o aluno e o professor é absolutamente necessária para que haja uma construção de sentido na leitura, nas discussões e nas reflexões sobre o texto literário: "Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço" (COSSON, 2016, p. 27).

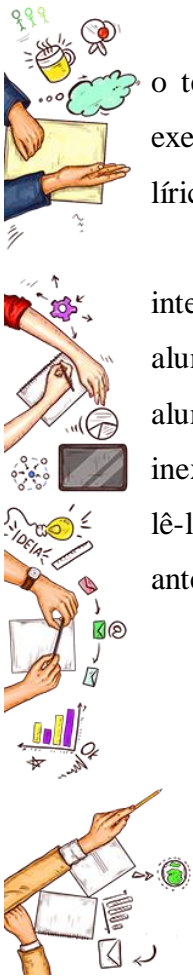
É nesse ponto que entram os textos levados pela professora para ser trabalhados com os alunos. Foram eles a música "Hora do Mergulho" da banda Engenheiros do Haváí, e o poema "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias como textos bases para o estudo do texto literário. Essa abordagem causa logo no primeiro momento um certo estranhamento, afinal, os dois textos não apresentam nenhuma relação entre si para uma discussão sobre o sentido a que eles possam apresentar. Mas logo vem a justificativa: estudar as características internas dos textos, ou seja, elementos que compõem os textos e estabelecem sua estrutura, o que seria um trabalho feito de forma superficial, para Todorov (2012, p.37):

A desvantagem desse tipo de trabalho é [...] sua modéstia, o fato de não ir longe o suficiente, não passando de um estudo preliminar, que consiste precisamente em constatar e identificar as categorias em jogo no texto literário, e não a nos falar do sentido do texto.

E, de fato, é isso o que acontece. O decorrer da aula não foi outro senão dizer aos alunos que o texto literário apresenta linguagem figurada e que é ficcional, para no final ser proposto um exercício sobre os dois textos, mas apenas com perguntas do tipo "Quem é o eu lírico? O que o eu lírico está sentindo nesse momento? Quantos versos tem esse poema? E quantas estrofes?".

Foram realizados apenas exercícios mecânicos, que se referem unicamente a estrutura interna do poema e da música levados, e que pouco acrescentam algo novo aos conhecimentos dos alunos, sem valorizar qualquer conhecimento prévio que eles possuem, fazendo apenas com que os alunos reproduzam tudo o que sua professora falou. Essas ações acabam resultando na participação inexistente dos seus alunos na interação com os textos, já que eles sequer desenvolvem interesse em lê-los, e apenas fazem provas e exercício reproduzindo os conteúdos das aulas que viram anteriormente.

...esses agentes do saber literário transformam os alunos em espectadores silenciosos e apáticos do exercício "mágico" de interpretação do texto e



demandam como avaliação a simples reprodução da voz professoral, em geral por meio de testes ou resumos que só comprovam o grau de memória dos alunos. (COSSON, 2016, p.112)

Esses fatos acabam revelando uma espécie de "fenômeno" quanto a forma de seleção de textos usados, que Cosson (2016, p.33) classifica como a direção "...que defende a pluralidade e diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos.", e que em um primeiro momento pode parecer bom, por levar textos diversificados para serem trabalhados, mas que acabam sendo usados para continuar o uso da metodologia tradicional, esta, porém, disfarçada com perfil de metodologia inovadora de abordar o texto literário.

Em lugar de relações intertextuais e um discurso que se edifica justamente com a premissa de nada prender em seu interior, a literatura na escola precisaria de obras, gêneros e autores diversificados porque o importante é acumulá-los em um painel tanto mais amplo quanto mais vazio de significado. Substitui-se, assim, a qualidade pela quantidade de textos lidos como critério de letramento. (COSSON, 2016, p.35)

O resultado disso é a apatia dos alunos mediante os textos apresentados, pois, não houve qualquer conexão entre eles e os textos, já que foram levados apenas para ter sua estrutura interna explorada com o agravante da mesma ser utilizada apenas como pretexto para a execução de uma atividade.

Outro problema a ser destacado foi o uso do estudo sobre o texto literário como justificativa para pedir, ao final da sequência, uma produção textual nos moldes desse texto como avaliação, com a seguinte proposta: "Produza uma narrativa ficcional na qual estejam envolvidos animais". A interpretação e a forma como os alunos interagem com a literatura é o principal objetivo da avaliação, ao pedir que simplesmente escrevam uma narrativa não há como compreender o quanto eles adentraram na discussão e se apropriaram do texto, muito mais grave é o desvio do que deveria ser o foco de estudo da disciplina, o objetivo da aula de literatura não é tornar os alunos escritores de texto literário, é torná-los bons leitores dele.

A experiência do estágio não ficou limitada apenas ao Ensino médio, uma vez que também foram observadas turmas de nível fundamental. A respeito dessas turmas, o que pudemos identificar



foi o uso do texto tanto para pedir produções textuais, mas também como pretexto para se estudar gramática.

Os textos usados foram principalmente crônicas, o que entra na perspectiva de Cosson (2016, p.21) sobre o estudo de literatura no ensino fundamental "...esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e "divertidos". Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar." E de fato, o uso da crônica nas aulas do ensino fundamental é bastante expressivo, mesmo que poucas crônicas tenham sido levadas, foi o único gênero textual que vimos ser trabalhado mais de uma vez, mas novamente, com suas restrições, especialmente pelo fato dos exercícios feitos pela professora terem sido elaborados com base nos do livro didático, mas com uma dificuldade menor para que seus alunos pudessem executá-los.

Uma das crônicas estudadas foi "Selfie" de Marcelo Coelho. As questões referentes a ela apresentavam questões gramaticais sobre o texto, perguntando qual o valor semântico de determinada palavra, mas, a maior ocorrência era de perguntas sobre aspectos internos do texto, que, citando Todorov (2012, p. 32) não acrescentam muito para o aluno "Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atemos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogos com um contexto." O exercício também trazia questões que abordavam aspectos externos do texto, fazendo os alunos refletirem sobre a conexão que ele fazia com sua realidade, com os aspectos sociais presentes no texto, mas de forma bastante tímida, e como a resolução do exercício parecia mais urgente e importante para os alunos e professora, essas questões não tiveram seu potencial explorado de forma mais adequada.

Seria mais significativo para os alunos se fosse realizada uma leitura em conjunto (silenciosa em um primeiro momento), para que cada um deles tivesse sua leitura própria do texto, e posteriormente, fosse provocada uma discussão em torno da crônica, relacionando o tema das fotos postadas em redes sociais com as suas experiências, visões e opiniões acerca do assunto. Tal abordagem seria mais efetiva, daria voz aos alunos no processo de ensino/aprendizagem, e despertaria alguma importância e relevância para o crescimento e aprendizado deles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de estágio, a nossa experiência deixa a impressão que o ensino de literatura apresenta um estado de deterioração bastante relevante. Foi presenciado, no período das aulas supervisionadas, um ensino superficial, mecânico, com pouca atenção para as necessidades do aluno mediante o que significa a literatura e o seu estudo.



Creemos que sua crise começa quando os alunos se questionam o porquê de estudarem literatura e o seu professor não lhes oferece nenhuma resposta direta, pelo contrário, reforça práticas já ultrapassadas e que fazem os alunos se perguntarem cada vez mais qual o papel da literatura em sua formação enquanto estudantes e enquanto membros integrantes de uma sociedade, e é aqui que se encontra a responsabilidade do professor "Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos" (COSSON, 2016, p.29)

A literatura não é apenas um meio para procurar diversão, ela é também um instrumento de reflexão, de busca por individualidade e reconhecimento de si mesmo "O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um." (TODOROV, 2012, p.33).

É necessário que tenhamos a consciência de que nosso dever é guiar os alunos pelos caminhos ocultos da literatura, que, a partir da nossa mediação, eles vão desvendar e seguir. Enquanto professores, não podemos ficar estagnados, presos as mesmas práticas antigas as quais, muitas delas, não mais podem esperar alcançar um resultado positivo com os nossos alunos. O texto literário não pode e, mais importante, não deve ser levado para a sala de aula como uma forma de passatempo, mas para que os discentes possam construir a partir dele algum significado que apresente importância para suas vidas, suas formações, enquanto pessoas, seres sociais e para que busquem nela compreensão a respeito do mundo em que vivem e os influencia e, também, de si mesmos.







